



## Uma voz feminina na luta antiescravista: Nísia Floresta *A female voice in the anti-slavery struggle: Nísia Floresta*

### Dossiê

Elen Karla Sousa da Silva\*

ORCID: 0000-0003-3304-1469

E-mail: elenuema@gmail.com

Recebido: 24/09/21

Aprovado: 29/11/21

### Resumo

Este artigo pretende analisar a representação do escravismo em *A Lágrima de um Caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* ([1853] 2019), “Passeio ao Aquecimento da Carioca” (1855) e “Páginas de uma vida obscura” ([1855] 2009) de Nísia Floresta (1810-1885). A brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em Papari, no Rio Grande do Norte, e foi uma escritora, educadora e abolicionista pioneira no feminismo no Brasil no século XIX. Ademais, foi a fundadora do Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, para meninas, e escreveu quinze livros para defender os direitos das mulheres, dos indígenas e dos escravizados; de fato uma mulher à frente do seu tempo. Ela foi uma autora de militância no campo dos direitos femininos e do ensino, que não ficou indiferente à questão do escravismo. O seu antiescravismo apresenta-se em seus registros relativos às relações no âmbito doméstico e o seu reflexo na educação de meninas. Nísia Floresta deixou inúmeros textos em que evidenciava uma posição favorável à liberdade dos escravizados, repudiava a escravidão e denunciava as injustas relações entre senhores e escravizados.

### Palavras-chave

Nísia Floresta. Autoria feminina. Antiescravismo.

### Abstract

This article intends to analyze the representation of slavery in Nísia Floresta's *A Lágrima de um Caeté* (1849), *Opúsculo humanitário* ([1853] 2019), “Passeio ao Aquecimento da Carioca” (1855) and “Páginas de uma vida obscura” ([1855] 2009). Brazilian author Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), pseudonym of Dionísia Gonçalves Pinto, was born in Papari, Rio Grande do Norte, and was a writer, educator, abolitionist, and a feminism pioneer in nineteenth-century Brazil. Furthermore, she was the founder of Colégio Augusto, in Rio de Janeiro, a school for girls, and wrote fifteen books to defend not only women's rights but also indigenous and enslaved people. She was indeed a woman ahead of her time. She was an activist author in the field of women's rights and education, who was not indifferent to the issue of slavery. Her voice against slavery is present in her writings about relationships in the domestic sphere and their impact on the education of girls. Nísia Floresta left numerous texts in which she showed a favorable position towards the freedom of the enslaved, repudiated slavery, and denounced the unjust relations between masters and enslaved.

\* Doutoranda em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Keywords

Nísia Floresta. Female Authorship. Anti-slavery.

# 1 Nísia Floresta, uma mulher à frente do seu tempo

*As dores morais do negro passam despercebidas nas habitações do branco.*  
(FLORESTA, Nísia. *Páginas de uma vida obscura*. O Brasil Ilustrado, Rio de Janeiro, [n.p.], jan./jun. 1855).

A brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta nasceu em Papari, no Rio Grande do Norte, filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, advogado português, considerado um homem de boas letras e ideias liberais, e de Antônia Clara Freire, pertencente a uma família importante da região. Tinha como nome de batismo Dionísia Gonçalves Pinto; segundo a tradição, recebeu o nome do pai. De acordo com o filósofo Paulo Margutti, “seu pseudônimo como tradutora foi Nísia Floresta Brasileira Augusta: Nísia, como diminutivo de Dionísia; Floresta, para lembrar o sítio onde nascera; Brasileira, para afirmar seu orgulho nacionalista; Augusta, para homenagear o companheiro” (MARGUTTI, 2019, p. 16). Em virtude da perseguição aos portugueses que tiveram início com os movimentos separatistas de 1817, seu pai decidiu mudar-se com a família para o estado de Pernambuco, morando em Goiana, Recife e Olinda. A autora casou-se pela primeira vez aos 13 anos de idade, ainda em Papari, e aos 18 anos passou a viver com Manuel Augusto de Faria Rocha, pai de seus filhos.

Em 1832, a autora publicou o seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, dedicado às mulheres brasileiras e aos acadêmicos de Direito. O livro é assinado com o nome Nísia Floresta Brasileira Augusta, e surge nesse momento a escritora que, ao invés de se ocultar sob a capa do pseudônimo, revela sua personalidade e opções existenciais. Essa obra foi apresentada como uma tradução livre de *Vindications of the Rights of Woman*, de Mrs. Godwin, nome de casada de Mary Wollstonecraft (DUARTE, 2019). À época na qual esse livro foi publicado, o Brasil era de um país conservador, sem muitos progressos no âmbito da economia e da política, essencialmente análogo ao período colonial, isto é, patriarcal e escravocrata.

Constância Lima Duarte, pesquisadora e especialista nos estudos no que se refere à escritora em estudo, anota:

Observando o conjunto da obra de Nísia Floresta, percebe-se com uma nitidez surpreendente o diálogo que os textos realizam entre si, como se fossem peças complementares de um mesmo plano de ação. O propósito de formar e modificar consciências, já o disse, perpassa quase todos os livros, os quais se unem em torno de um projeto coerente e consciente de alterar o quadro ideológico social. (DUARTE, 2008, p. 185).

Desse modo, Nísia Floresta, considerada a primeira professora feminista brasileira, foi uma figura emblemática na nossa história, na história das mulheres e na história da mulher brasileira. Há mais de duzentos anos atrás, nascia uma menina, no interior do Rio Grande do Norte, que se tornaria uma das primeiras escritoras brasileiras, provavelmente a primeira mulher no Brasil a falar em direito das mulheres e a defender os direitos humanos, porque quem defende direitos das mulheres, dos indígenas e dos africanos escravizados defende os direitos humanos.

A autora, precursora do feminismo no Brasil e na América Latina, além de educadora e escritora, deixou um legado parcamemente conhecido. Ainda assim, é considerada uma das pioneiras

na luta pela educação das mulheres, em defesa do direito intelectual das mulheres, no intuito de romper com preconceitos e suplantando a subalternização histórica que foi imposta às mulheres. Mais do que isso, a escritora ainda se posicionou criticamente em relação à continuidade do colonialismo, viabilizando elementos para o entendimento de como a educação tradicional contribuiu para entendermos o papel da educação feminina na emancipação da sociedade.

Para Nísia Floresta, as desigualdades que sucedem em inferioridade “vêm da educação e circunstâncias de vida” (FLORESTA, 1989, p. 44), antecipando a noção de gênero como uma construção sociocultural. Segundo a autora, os homens se beneficiavam da opressão feminina, e somente o acesso à educação permitiria às mulheres tomar consciência de sua condição inferiorizada.

Nísia quase foi vítima do memoricídio,<sup>1</sup> como centenas de escritoras brasileiras que escreveram e tiveram uma obra importante no seu tempo e que, ao morrer, sua história morreu junto.

## 2 Nísia Floresta: uma voz abolicionista

Nísia Floresta foi defensora dos direitos das mulheres e dos indígenas no Brasil, e esses temas, bem como o sistema escravagista, sempre estiveram presentes em sua produção literária. À princípio, Nísia defendia apenas um tratamento menos atroz para com os negros na condição de cativos, mas, em seguida, já mais amadurecida, modificaria o pensamento e passaria a censurar todo o modo de dominação.

Conforme Constância Duarte (2010), em uma época em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia confinada em casa sem direito algum; quando o adágio popular dizia que “o melhor livro é a almofada e o bastidor”, e isso era considerado como juízo de verdade para muitos, Nísia Floresta geria um colégio para moças no Rio de Janeiro e escrevia obras em defesa dos direitos femininos, dos indígenas e dos escravos.

No século XIX, o Brasil vivia sob um regime patriarcal e escravagista, as mulheres brancas se europeizavam, ao passo que as mulheres negras ou desempenhavam o papel de amas-de-leite ou tornavam-se vendedoras e quitandeiras, todas igualmente pobres e percorrendo o âmbito público com mais regularidade que a elite portuguesa. June Edith Hahner (1981) aponta que “o Brasil de meados do século XIX que Nísia Floresta abandonou era uma nação atrasada em muitos aspectos, com uma sociedade altamente estratificada e uma economia dependente do sistema de trabalho escravo” (HAHNER, 1981, p. 30).

De acordo Octavio Ianni, “a persistência do escravismo e os artifícios do manto monárquico configuravam um poder estatal com as características de uma administração distante, estranha, alheia aos interesses populares” (IANNI, 2004, p. 20). A maior parte das pessoas que pertencia às camadas subalternizadas era composta por escravizados e escravizadas ou por mulheres e homens livres desfavorecidos.

Arelado à luta por uma educação igualitária no Brasil e pelo reconhecimento feminino, ressalta-se na produção de Nísia Floresta o seu apoio à causa abolicionista. Nas obras *A Lágrima de um Caeté* (1849) e *Opúsculo humanitário* ([1853] 2019), como também no artigo “Passeio ao

---

1. “[...] A tradição de ‘memoricídio’, de assassinato da memória de nossa violência social, sempre aconteceu. Tanto é que se criou e vendeu para o mundo essa imagem do Brasil carnavalesco, de democracia racial, que é uma construção profundamente ideológica e mentirosa. Um país extremamente violento, extremamente racista, onde justamente não existem espaços de locais de memória para se lembrar do genocídio dos africanos que vieram para cá, dos indígenas, que foram e ainda são dizimados”. (SELIGMANN-SILVA, 2015, n.p.).

Aqueduto da Carioca” (1855) e na novela *Páginas de uma Vida Obscura* ([1855] 2009), publicados na imprensa no período de 1840 e 1850, ela aborda a questão da escravidão, ressaltando a angústia do negro e também as ações desumanas praticadas por alguns de seus senhores, um reflexo da conduta humanista de Nísia. A autora discute, ainda, que as revoltas e fugas de cativos decorriam do tratamento tirânico que estes recebiam.

Em *Opúsculo humanitário*, publicado originalmente em 1853, Nísia Floresta defende que a educação feminina deveria ser um princípio de elevação moral, imprescindível para a instrução das mães de família e da sociedade. É possível perceber o quanto Nísia foi insurgente, pois se rebelou contra a opressão patriarcal. Na obra, a autora argumenta em favor de uma reforma educacional, incorporando suas orientações para mudanças do ensino e suas concepções educacionais, bem como asseverando o direito da mulher a uma educação mais rica, alternada à educação doméstica, restrita aos espalhões (Cf. FLORESTA, 2019). No início da obra, há um tom de denúncia que Nísia confere ao se reportar à educação do Império, fazendo críticas à débil educação que era reservada às mulheres brasileiras:

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando – educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? (FLORESTA, 2019, p. 17).

Nísia Floresta não só reivindicou instrução para as mulheres brasileiras. A autora discute, ainda, temáticas como a escravidão e os prejuízos provocados pela colonização portuguesa em relação ao desempenho de educadores estrangeiros e aos indígenas, assuntos que ela relacionou à educação das mulheres. Nísia Floresta também chamou atenção do governo para a educação das mulheres brasileiras, por não atualizar e modernizar a sua educação. Não havia uma pauta para as mulheres, e isso para ela era inconcebível.

A inquietude de Nísia Floresta era com o social, não somente com a qualidade da educação das mulheres. O regime escravagista era uma das realidades do Brasil que causava incômodo à autora, além das condições em que viviam as mulheres e homens livres, da desigualdade social e das dificuldades da classe operária. Desse modo, questionava a autora: “Volvamos agora um olhar para as nossas classes pobres e vê-las-emos quase por toda a parte perdendo o precioso tempo, de que poderiam tirar grande utilidade, se o empregassem em um trabalho bem regulado e seguido” (FLORESTA, 2019, p. 94).

Nísia Floresta assumiu posicionamento contrário à escravidão, sobretudo em seu *Opúsculo*, para ela, uma das questões que contribuíam para o retardo na educação das mulheres. Na novela *Páginas de uma Vida Obscura* (2009), é possível verificar a oposição que a autora oferece ao sistema escravista, exibindo a angústia do negro como consequência da crueza dos senhores brancos. Para Constância Duarte (2010), nessa novela podemos perceber as primeiras manifestações do pensamento de Nísia acerca do sistema escravocrata. Além disso, Duarte (2010) afirma que, neste texto, Nísia enaltece as qualidades do homem negro, defende com exaltação um tratamento humanitário por parte dos senhores de escravos, e se mostra bastante tocada com o sofrimento do outro. Ainda neste texto, ela denuncia as atrocidades e a exploração escravagista por meio da exaltação da bondade do protagonista, o escravizado Domingos.

A novela conta a história de Domingos, que nasceu no Congo, foi trazido ao Brasil e vendido inicialmente na província de Minas. Domingos é colocado como exemplo de virtude para todos os homens: “Homens de todas as classes, de todas as crenças que tendes coração, vinde conosco ajoelhar sobre a sepultura de um escravo para ouvir sua história! Vinde dela aprender virtudes que honram a humanidade!” (FLORESTA, 2009, p. 45). O seu senhor prometeu libertá-lo, contudo,

faleceu antes de cumprir a promessa. Assim, o escravizado foi vendido para outro senhor que se julgava republicano, diante de quem Domingos

[...] se esforçava de dia em dia por acalmar-lhe a natural ferocidade, antepondo-lhe uma obediência cega e seus preceitos, dando-lhe constante provas de fidelidade e adesão apesar de nenhuma esperança ter de recompensa, pois melhor do que ninguém conhecia o gênio iracundo, o coração ingrato daquele a quem servia. (FLORESTA, 2009, p. 51-52).

Para inocentar seu novo senhor de um assassinato, Domingos assume o crime e é preso. Quando volta à liberdade novamente, o senhor o vende e retorna para a Europa. No Rio de Janeiro, na propriedade do seu terceiro senhor, Domingos encontra bem-estar, mas acaba novamente sendo vendido para um quarto senhor de escravos. Neste último, o protagonista encontra “uma alma apreciadora de seu zelo, um coração benfazejo” (FLORESTA, 2009, p. 61). Domingos salvou a vida do homem que ficou doente após o falecimento da irmã. Assim, ele passou a receber do senhor um tratamento diferenciado em razão do que ocorreu. Ele era uma pessoa muito boa, que, mesmo maltratado, nunca deixava de ser caridoso, gentil, preocupado com quem o cercava. Embora houvesse os obstáculos, o escravizado herói não perdeu suas qualidades, e as adversidades do cativeiro não modificaram seu caráter austero e nobre, que o transformou em um escravo idealizado de acordo com os padrões da classe proprietária: apático, passivo, dócil, obediente, dedicado, respeitoso, subserviente e, sobretudo, cristão.

No entanto, isso não impediu que ele perdesse a mulher amada e o filho. Quando Maria, a mulher que amava, adoece e morre, ele passa por muitos sofrimentos. Após a morte de Maria, Domingos se une a outra escravizada e, com ela, gera um filho, que sobrevive por pouco tempo e morre. Domingos fica tão abatido com a morte do filho que acaba morrendo. Seu senhor o acompanha até o seu último momento em vida.

O texto de Nísia Floresta convida a uma identificação com o fardo dos negros e a humanizá-los por meio de um sentimento de empatia e religiosidade. Nesse sentido, a religiosidade do personagem Domingos intensifica a sua humanidade, de maneira a gerar uma conexão entre as personagens negras escravizadas e os leitores do texto, livres e brancos, ressaltando a irmandade de todos os cristãos.

Ademais, Nísia trata o tema da destruição de famílias escravizadas. A separação familiar surge por meio de um dos amigos de Domingos: “tinha mulher e filhos; venderam-nos quando menos o pensava a diferentes senhores. Minhas lágrimas, minhas súplicas só me obtiveram maiores rigores” (FLORESTA, 2009, p. 63). Tempos depois, foi o próprio Domingos a ter de assistir a mãe de seu filho ser vendida e separada de seu filho:

Uma santa missão chamou o senhor de Domingos ao estrangeiro e longínquo país. Em sua longa ausência a dedicação do sublime negro para com a parte da família, a cujo serviço ficava, não desmentiu jamais, apesar da cruel provança pela qual passou ele vendo vender a mãe de seu filho durante aquela ausência! O primeiro a reconhecer os seus defeitos, ele havia não obstante esperado que ela não seria mais condenada à tristíssima alternativa de percorrer novos cativeiros arrancando-se-lhe o filhinho! (FLORESTA, 2009, p. 77).

Conforme Sidney Chalhoub (1990), a escravidão para alguns era encarada com normalidade, com seres humanos sendo tratados como “coisas”, “objetos” e “mercadorias”, em um sistema de compra e venda. Em *Páginas de uma Vida Obscura* (2009), a autora faz uma referência sem desvios aos mercadores de escravos, que se acreditavam bondosos com os negros:

“Os negros d’Africa são mais infelizes vivendo ali livres, do que escravos em qualquer outra parte; nós lhes fazemos pois um bem arrancando-os à miséria em que vivem na sua pátria”. Assim dizem geralmente impudentes e sofisticos mercadores que não se envergonham de mentir à humanidade e sua própria consciência! (FLORESTA, 2009, p. 48).

Já em 1855, na crônica “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, Nísia desenvolve uma crítica à condição do negro no país, reportada na narrativa por meio da voz de um escravizado que lastima sua sina. O texto tem um caráter patriótico, mas em um trecho a autora registra os seus ideais abolicionistas. Vejamos:

Desde então só estas vozes  
Escuto de humanidade:  
Trabalha, trabalha, negro:  
O chicote e a Eternidade!  
Já curvado sob os anos  
Oh! Meu Deus forças me dá!  
Trabalha, trabalha, negro:  
A morte te espera lá!  
(FLORESTA, 1855 *apud* DUARTE, 2008, p. 111).

O poema expõe a dor do sujeito cativo que, longe de sua nação, se entristece e lastima a vida infeliz, e o que lhe resta é trabalhar em condições desumanas. O que chama a atenção é que, embora os textos “Passeio ao Aqueduto da Carioca” e *Páginas de uma Vida Obscura* tenham a mesma data de publicação, ambos foram elaborados com bases divergentes de pensamento. No texto “Passeio ao Aqueduto da Carioca”, como citado anteriormente, Nísia denuncia as crueldades dos senhores contra seus escravizados, assim como a descabida condição de vida do negro no Brasil.

Já em *Páginas de uma Vida Obscura* (2009), importa ressaltar que Nísia trata a questão do escravo fundamentada em princípios cristãos que consideravam a escravidão como uma alternativa de salvação para a humanidade. Desse modo, os escravizados eram relacionados a Cristo, que, em manifestação da sua obediência e amor, deu sua vida em penitência para redimir os pecados da humanidade. Nessa perspectiva, quanto mais servil ao seu senhor, mais probabilidade o negro tinha de libertar seu povo da heresia e conquistar o reino dos céus. Nesse texto, Nísia Floresta também destaca como deveria ser o bom senhor:

Um bom senhor é a imagem de Deus sobre a terra, onde as leis permitem o triste tráfico de nossa espécie. Podendo castigar-nos quando faltamos ao cumprimento de nossos deveres, ele nos admoesta paternalmente; sendo-lhe permitido pôr-nos ao nível dos brutos, ele nos governa com brandura, e trata-nos quando doentes como a seus próprios filhos. É pena que todos assim não sejam! Mas confessemos que são ordinariamente os mesmos escravos a causa do mau tratamento que recebem. (FLORESTA, 2009, p. 61).

Presumivelmente, a autora já fosse abolicionista nessa época, contudo, ao escrever para seus compatriotas, optava por defender somente a humanização da escravidão, combatendo e lutando contra suas barbaridades em seus textos literários com nítidos engajamentos políticos.

A escravidão, esse monstruoso parto do despotismo, esse infame libelo dos povos cristãos, foi sancionada pelos mesmos homens, que tudo haviam sabido sacrificar para libertar-se do jugo de seus opressores, e assumirem a categoria de nação livre! Eles, que acabavam de conquistar a liberdade, não coravam de rodear-se de escravos! Anomalia de um grande povo apresentada em caracteres de lágrimas e de sangue à face da civilização moderna para rebaixá-lo aos olhos da filosofia e da humanidade. (FLORESTA, 2009, p. 47).

Os textos de Nísia se inserem na discussão subsequente ao término do tráfico, quando inúmeros grupos políticos debatiam o futuro da escravidão e as possibilidades para substituí-la ou prolongá-la, em um momento em que eram raras as pessoas que se afirmavam favoráveis à escravidão, ao mesmo tempo em que a maioria estava em oposição ao fim do sistema escravocrata.

Em *Páginas de uma Vida Obscura* (2009), percebe-se o propósito da autora em fazer com que o leitor reflita acerca do problema do escravizado, se sensibilize e até mesmo altere a sua maneira de pensar sobre a naturalização da escravidão na sociedade. Ao fim do texto, notamos uma semelhança entre o destino de Domingos e o de Pai Tomás, protagonista de *A Cabana do Pai Tomás* ([1852] 2016), obra da escritora norte-americana Harriet Beecher Stowe, lançada como folhetim, entre 1851 e 1852, e mais tarde publicada em 1852, em Boston, nos Estados Unidos. Nesse instante, o personagem da narrativa brasileira é nomeado Tom Brasileiro e afirma que este tem uma vida de mais dificuldades e era até mais fiel que o seu contemporâneo, criado por Stowe. No final de seu texto, Nísia Floresta impõe o seu protagonista sobre o protagonista de Stowe:

O branco estendeu a mão ao negro as portas da eternidade onde ia em breve baixar, não o descuidoso filantropo St. Claire deixando o mártir Tom exposto aos horrores do cativeiro de bárbaro senhor, mas sim o Tom brasileiro, cuja vida de mais duras provanças ou antes de mais extraordinária fidelidade do que foi a do seu contemporâneo da União, interessaria duplicadamente ao leitor se fosse escrita pela insígne pena de Mrs. Stowe. (FLORESTA, 2009, p. 81).

Encontramos, nesse fragmento da narrativa de Nísia Floresta, uma crítica ao senhor de Tomás, St. Claire. Ele é acusado de ter deixado o negro morrer sob poder de um senhor desumano, pois o último senhor de pai Tomás era muito cruel. No momento da morte de Domingos, o senhor fica junto a ele até que o escravizado morra. Nessa questão, é importante fazer uma emenda em relação ao senhor St. Claire, posto que, no momento em que Tomás morre, seu senhor já não estava vivo; por essa razão que a esposa dele vendeu o escravizado para Legree. Sob outra perspectiva, Nísia Floresta realiza um direcionamento no leitor, a fim de que se pense que, em solo brasileiro, senhor e escravo se relacionavam bem e que o sistema escravocrata não era tão assombroso.

Em *Cintilações de uma Alma Brasileira* (1997), Nísia Floresta narra uma situação de preconceito e o pensamento dos europeus com relação aos brasileiros. Segundo Nísia,

[e]m 1832 um ilustre Brasileiro, o doutor de Barros, cuja prematura morte enviou a sua pátria de um dos mais belos ornamentos, viajando pela Europa deteve-se certa vez em uma grande cidade do Norte, em casa de uma personalidade à qual tinha sido recomendado. Não estando em casa o dono, sua mulher, sabendo que este era o Brasileiro que seu marido esperava há muitos dias, recebeu-o com toda polidez e com atos da maior cortesia. Depois, chamou ela um seu servidor, e falou-lhe ao ouvido. Passado um quarto de hora do vassalo ter-se ido, nosso viajante foi surpreendido por um grande barulho vindo das escadas, como o de muitas pessoas subindo. Daí a pouco viu entrar na sala uma bela e elegantíssima dama com duas filhas, e três meninos; que sem dar-se conta dele, gritaram todos juntos: — Deus! Minha irmã, titia, faz-nos ver um Brasileiro... — “Ei-lo” disse a espirituosa dona da casa, indicando seu hóspede. A dama então, observando melhor aquele forasteiro cumprimentou-o meio confusa, e tornando-se séria, replicou à sua irmã (que tal era verdade a dona da casa): — Tu caças de nós, fazendo-nos vir a todo galope para ver um senhor que não tem os lábios furados, nem qualquer outro sinal característico dos nativos do Brasil. — Quis fazer-te a mesma surpresa que tive eu própria quando vi o senhor doutor — respondeu-lhe a irmã. (FLORESTA, 1997, p. 57-59).

Esse relato retrata a chaga da inferiorização do nativo que está circundado na cultura brasileira. Essa história é fulcral no que concerne ao preconceito e ao menosprezo da cultura indígena, bem como apresenta a subalternidade que o branco europeu impunha aos indígenas e também à sua cultura, tornando-os objetos exóticos, animalizando-os. As temáticas indígenas e negras abordadas pela autora são traços de que ela tinha empatia e conhecimento das intoleráveis violências vivenciadas por essa população e de que inseria a sua luta de libertação, ao mesmo tempo com a luta em prol da libertação feminina.

Ainda em *Cintilações de uma Alma Brasileira*, Nísia denuncia como vê os escravos:

eu os vejo, estes desventurados indivíduos da raça africana, espalhados aos milhares em cada canto desta ampla região calcar sob um belo céu o rico e livre solo brasileiro, arrastando atrás de si a pesada corrente da servidão: contra-senso escarnecedor das liberalíssimas instituições que governam esta bela nação! (FLORESTA, 1997, p. 171).

Nesse sentido, reafirmamos Nísia Floresta como abolicionista, e que ela, embora longe de seu solo quando escreveu esta obra, não abandonou sua ideologia face ao caráter “lastimável e reprovável” (FLORESTA, 1997, p. 33) da escravidão.

A autora também valorizou e enalteceu as qualidades do homem negro e do indígena. Acerca dos indígenas encontramos seu posicionamento no poema “A Lágrima de um Caeté”, publicado em 1849, com 72 versos. Constância Duarte (2008) aponta este como sendo “a junção de dois dramas: o do índio brasileiro espoliado pelo colonizador português; e o vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira, acontecida em Pernambuco” (DUARTE, 2008, p. 62). Neste poema, a autora expõe não a versão folclórica frequentemente gerada sobre os indígenas, mas sim o ameríndio descontente e oprimido pelo branco agressor e conquistador, o que foi algo novo para aquele período e, também, um modo de se colocar no lugar do indígena, de ser empático, de sentir a violência e a derrota experienciada por esse povo. Logo, nestes versos, Nísia se coloca no lugar do indígena, de maneira oposta à reprodução de discursos ideológicos que abrandavam a violência que os indígenas têm sofrido desde a Conquista. Nesse poema, o indígena não é pensado como herói ou romantizado, como inúmeros autores faziam naquele período, mas é um indígena real, com humanidade. Ele é um indivíduo que se sente assolado, derrotado e oprimido perante as forças portuguesas.

O índio caeté, antes da colonização, “era da natureza o filho altivo,/ Tão simples como ela, nela achando/ Toda a sua riqueza, o seu bem todo.../ O bravo, o destemido, o grão selvagem,/ O Brasileiro era... – era um Caeté!” (FLORESTA, 2014, p. 138). De acordo com os versos, entende-se na descrição do ideal do herói de Nísia Floresta como aquele homem/índio de coração simples e com a imponência do povo americano, diferente do europeu, visto como desonesto. Ademais, adjetivos como bravo e destemido salientam que o índio a que a voz lírica se refere era um homem singular. Contudo, essa feição destemida e de bravura do índio caeté é contrária à realidade em que ele vivia naquela circunstância. Embora seu passado fosse heroico, o indígena descrito “era um Caeté, que vagava/ Na terra que Deus lhe deu,/ Onde Pátria, esposa e filhos/ Ele embalde defendeu!...” (FLORESTA, 2014, p. 138). Os indígenas lutaram e resistiram como puderam, entretanto, tiveram a derrota como recompensa, fato compreensível se consideradas a crueldade e a perversidade com que atuaram os portugueses ao chegar nas terras americanas. Por conseguinte, o ameríndio não tinha de fato como superá-los.

De senhor de grandes terras, a escravizado voltado para o trabalho forçado, o esgotamento, o chicote: essa é a imagem que se apresenta ao índio caeté após a colonização. O caeté lastima com a “alma triste, acerba dor,/ Vim chorar as praias minhas/ Na posse de usurpador!/ Que invadi-las/ Não satisfeito,/ Vinha nas matas/ Ferir-me o peito” (FLORESTA, 2014, p. 138). O índio se vê em uma situação dramática, vê a sua história e sua tribo perdidas, como uma mácula na alma, que não poderá ser apagada. Nesses versos são expostas com detalhes a invasão e as crueldades pelas quais passaram os indígenas.

Notamos, ainda, o tom de indignação na voz lírica. Nas palavras do caeté, tem-se a imputação contra todos os males causados pela colonização, com a invasão dos “nobres” europeus que, com atrocidade, dominaram e devastaram populações inteiras da América e espalharam a destruição e a fraude por todos os lugares, roubando dos indígenas o que sempre foi deles por direito.

Nesse contexto, a escravidão fora inevitável. Começa, então, a penúria do índio americano: “Ferros nos trouxe,/ Fogo, trovões,/ E de cristãos / Os corações/ E sobre nós/ Tudo lançou!/ De nossa terra/ Nos despojou!/ Tudo roubou-nos,/ Esse tirano,/ Que povo diz-se/ Livre e humano!” (FLORESTA, 2014, p. 138).

De modo contrário às narrativas da época, como mencionado, que intentavam transformar o índio em um herói, Nísia revela as condições subumanas pelas quais passaram os índios desde o período da colonização, como podemos notar no seguinte fragmento:

Indígenas do Brasil, o que sois vós?/Selvagens? os seus bens já não gozais.../ Civilizados? não... vossos tiranos/ Cuidosos vos conservam bem distantes/ Dessas armas com que ferido tem-vos./ De sua ilustração, pobres caboclos!/ Nenhum grau possuí! ... Perdestes tudo,/ Exceto de covarde o nome infame.../. (FLORESTA, 2014, p. 138).

Desse ponto de vista, a autora analisa o índio em suas condições reais de existência, isto é, como sujeito vilipendiado em sua identidade, sujeito perdedor e explorado pelo homem branco, ao contrário dos outros autores da época que retratavam os índios com seu caráter inocente e imaculado. Essa representação real do indígena não procura depreciá-lo ainda mais ou torná-lo mais derrotado, mas trazer o reconhecimento de suas perdas devido a anos de exploração e dominação, denunciando o autoritarismo dos portugueses:

Ao jugo de tiranos opressores,/ Que em nome do piedoso céu vieram/Tirar-nos esses bens que o céu nos dera!/ As esposas, a filha, a paz roubar-nos!.../ Trazendo d'além mar as leis, os vícios,/ Nossas leis e costumes postergaram [...] Maldito, ó maldito sejas,/ Renegando Tapeirá!/ Teu nome em nossas florestas/ Em horror sempre será. (FLORESTA, 2014, p. 138).

O índio retratado no texto de Nísia assume enfim sua posição real na história, e de forma diversa das narrativas ilustradas do Romantismo indianista. Há o enfrentamento contra a invasão portuguesa, abandonando o mito do bom selvagem e revelando um humano propenso a retaliar a morte, o sofrimento e as mazelas de seus antepassados; a reivindicar suas terras, suas crenças, suas convicções, seus costumes e suas práticas em nome de um ideal genuíno de nacionalidade.

### 3 Palavras finais

Nísia Floresta insere na escrita sua experiência como educadora, como mulher atenta aos costumes e à decadência a que estava condenada a mulher brasileira. Sua produção também retrata a experiência com a educação de meninas, os desapontamentos e as expectativas para o futuro. Nísia, por meio de seus textos, buscou resgatar o sujeito oprimido da condição de vulnerabilidade em que se encontrava, com o propósito de recuperar sua dignidade.

As questões sociais, políticas e educacionais de seu país eram importantes para a escritora, tanto em prosa como em verso. O que podemos concluir é que os textos de Nísia Floresta simbolizam valiosas contribuições para a confirmação histórica dos direitos humanos. Ela pode ser lembrada por seus inúmeros aspectos de atuação: escritora, abolicionista, ufanista e feminista, que mesmo no exterior jamais abandonou seu apeço pelo Brasil e assim continuou escrevendo sobre as mazelas que assolavam o país: a opressão às mulheres, a condição indígena e a escravidão.

Na obra *Páginas de uma Vida Obscura*, por exemplo, nota-se a intenção da autora em sensibilizar o leitor sobre o problema da escravidão e para a resistência a qualquer forma de opressão e dominação que um indivíduo possa exercer sobre o outro. Sua literatura é, portanto, um reflexo da sua tomada de posição perante os problemas sociais.

Nísia Floresta foi revolucionária, era uma mulher atenta às ideias de vanguardas e simboliza a insubmissão aos preconceitos de seu tempo. Contribuiu consideravelmente para dar visibilidade a uma história marcada pela opacidade: a luta das mulheres pela obtenção de direitos e plena cidadania. Mesmo incluída em uma elite social feminina na qual prevalecia a clausura, o analfabetismo, a inviabilidade de se externar o que se pensa ou lutar por algum direito.

### Referências

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2. ed. Natal: Editora Universitária (UFRN), 2008.

- DUARTE, Constância Lima. *#Nísia Floresta presente: uma brasileira ilustre*. Natal: Mariana Hardi, 2019.
- FLORESTA, Nísia. Páginas de uma vida obscura. *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, [n.p.], jan./jun. 1855.
- FLORESTA, Nísia. *Os direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução, Posfácio e Notas de Constância L. Duarte. São Paulo: Cortez, 1989.
- FLORESTA, Nísia. O Brasil. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 7-63.
- FLORESTA, Nísia. Páginas de uma vida obscura. In: DUARTE, Constância (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EdUFRN, 2009. p. 45-83.
- FLORESTA, Nísia. Fragmentos do poema “A lágrima de um Caeté” de Nísia Floresta Brasileira Augusta. *Revista Cronos*, v. 13, n. 1, p. 138-140, 11 ago. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/5629/4543>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Notas de Maria Helena de Almeida Freitas e Mônica Almeida Rizzo Soares. Brasília: Senado Federal, 2019. 119 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/562126/Opusculo\\_humanitario.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/562126/Opusculo_humanitario.pdf). Acesso em: 24 maio 2021.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- IANNI, Octávio. *Pensamento Social no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MARGUTTI, Paulo. *Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Tradição de ‘memoricídio’ se perpetua no Brasil*. [Entrevista concedida a Paula Coutinho]. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 07 dez. 2015. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2015/12/politica/469953-apagamento-da-memoria-se-perpetua-no-brasil-afirma-seligmann-silva.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2015/12/politica/469953-apagamento-da-memoria-se-perpetua-no-brasil-afirma-seligmann-silva.html). Acesso em: 26 jun. 2021.
- STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do Pai Tomás*. Barueri, SP: Amarilys, 2016.